

CONQUISTANDO MENTES E MENTES: O MK-ULTRA PROJECT E A SUA RELAÇÃO POLÍTICA E CULTURAL COM O CONTEXTO DA GUERRA FRIA.

João Luiz Amaral Castellani (PIC/UEM), Pedro Carvalho de Oliveira (Orientador).
E-mail: ra124291@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes,
Maringá, PR.

História/História Contemporânea.

Palavras-chave: CIA; Guerra Fria; Estados Unidos.

RESUMO

A presente proposta de pesquisa almeja contribuir com os debates em torno da Guerra Fria, a partir de uma análise do projeto MK-Ultra e do contexto no qual foi criado e desenvolvido. O projeto em questão buscava o controle de corpos para garantir obediência aos preceitos ideológicos estadunidenses, por meio do uso controlado de drogas alucinógenas. Trata-se de um complexo esforço pensando durante uma conjuntura de forte crescimento da ficção científica no cinema e na literatura; é também um contexto de crescimento do uso de drogas alucinógenas de forma recreativa entre os jovens. Os dois fatores são importantes para compreender a concretude do projeto e como ele se inseria em um momento que propiciou sua materialização. É constante na cinematografia dos anos 1950 e 1960, período em que o projeto começa a ser executado, os filmes sobre controle mental, uso da ciência para a dominação coletiva e de meios tecnológicos para abrigar civilizações sob a égide de uma ideologia específica. Trata-se, portanto, de um objeto envolto por mitos e especulações, algumas próprias ao campo das teorias da conspiração. Nosso propósito é caminhar num outro sentido, identificando não apenas a relação do projeto com um contexto político e cultural, mas também sua relevância para as projeções estadunidense de combate ao socialismo durante a Guerra Fria.

INTRODUÇÃO

A Guerra Fria compreende um período longo, impedindo que todo o processo tenha sido homogêneo ou estanque. Ao longo das décadas que vão do final da Segunda Guerra Mundial até a dissolução da URSS, em 1991, muita coisa se transformou no “tabuleiro de xadrez” que se tornou as disputas entre capitalismo e socialismo. De

momentos de grandes tensões – como a Crise dos Mísseis e a Guerra do Vietnã – até períodos de relativa tranquilidade entre as potências – época da *détent*, ou distensão –, a Guerra Fria possuiu diversos estágios. Muitos deles, influenciados pela sua época. Ao mesmo tempo, o conflito influenciou as relações humanas devido à sua proporção global (MUNHOZ, 2020). Desta forma, é correto afirmar que as potências em disputa manejaram seus passos de forma cautelosa, buscando as forças das quais dispunham e criando novos meios, antes inimagináveis, de desenvolvimento para o combate estratégico. Por isso, não é equívoco dizermos que a Guerra Fria possibilitou um terreno fértil para tornar parte do imaginário em algo real (BARBROOK, 2007).

Dessa maneira, com base no fato de que os desdobramentos da Guerra Fria dialogavam afinadamente com o imaginário popular e cultural das civilizações envolvidas, esta proposta busca investigar indícios pertinentes sobre projetos realizados pelo governo dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, tomando por base livros, teses e artigos acadêmicos já publicados sobre o assunto, além de documentos produzidos pelo governo estadunidense. Damos enfoque ao MK-Ultra, projeto desenvolvido pela CIA nos anos 1950 objetivando o controle físico e mental de indivíduos, por meio de substâncias químicas pesadas e alucinógenas. O projeto não apenas impressiona do ponto de vista de seus intentos, como também causou grande impacto no imaginário coletivo, sendo tematizado em filmes e livros; portanto, trata-se de um tema de relevância para conhecermos um pouco mais a Guerra Fria. Aludindo a Marc Bloch (2001), nosso olhar ao passado busca responder a inquietações do presente.

MATERIAIS E MÉTODOS

Após o mapeamento da bibliografia pertinente ao tema, demos início às leituras e fichamentos relativos aos livros e artigos por nós selecionados. Em seguida, analisamos documentos produzidos pelo governo dos EUA a respeito do MK-Ultra. Neste sentido, dois documentos foram privilegiados por nós. Primeiro, o Project MK-Ultra: the CIA's Program of Research in Behavioral Modification, produzido pela junta de audiência do Comitê de Inteligência e do Subcomitê de Pesquisa em Saúde e Ciência, ligado ao Comitê de Recursos Humanos do Senado estadunidense, em agosto de 1977. O segundo, é um relatório de inspeção do MK-Ultra escrito para o Diretor Geral da CIA em 1962. Juntos, os dois documentos totalizam 220 páginas. Fizemos a tradução dos documentos seguida do fichamento e posterior análise crítica de seu conteúdo, sempre com base nas referências bibliográficas previamente selecionadas. Entre elas, buscamos livros e artigos científicos sobre a Guerra Fria, o projeto MK-Ultra, Direitos Humanos, ficção científica, cultura estadunidense e História Contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sidney Gottlieb foi contratado pela CIA em 1951 para expandir o conhecimento que a organização havia acumulado com experimentos e pesquisas no início da década. Orientado por seu supervisor, Allen Dulles, o químico elaborou o projeto que foi aprovado no dia 13 de abril de 1953, o MK-Ultra.

Inserido no MK-Ultra, havia o subprojeto 2, dirigido por James Hamilton da Universidade de Stanford (localizada em Palo Alto, Califórnia), que intencionava compreender “como a atividade sinérgica das drogas poderia erradicar a consciência completamente, assim como, formas de drogar uma pessoa sem o seu conhecimento” (TORBAY, p.323. 2023). Similar a esta ramificação, porém, mais abrangente, os subprojetos 8, 10, 63 e 66 eram destinados ao estudo das consequências do uso de drogas psicotrópicas, como o LSD-25 e foram liderados pelo Dr. Robert Hyde. Outros subprojetos que valem menção são: o subprojeto 124, que buscava atestar se a inalação de monóxido de carbono induzia o indivíduo a um estado de transe e o 140, que intencionava verificar os efeitos psicológicos dos hormônios de tiróide.

CONCLUSÕES

A narrativa construída sobre o MK-Ultra pelos meios de comunicação, não agrega à compreensão e esclarecimento acerca do projeto. Por décadas, documentários, artigos em revistas não especializadas, noticiários e jornais, produziram juntamente com teorias da conspiração, uma base de conhecimento muitas vezes equivocada a respeito do teor do programa desenvolvido pela CIA. Essa construção abstrai o sentido de certos debates que poderiam ser úteis à história, ao focar em pormenores superficiais da realização do programa. Muitas vezes a informação transmitida por meio de teorias conspiracionais defendidas por agentes midiáticos descompromissados com a análise crítica e séria, prevalece sobre o conhecimento científico e torna eventos relevantes para a história, meros episódios factuais na percepção do público geral. Compreendo assim, que é de grande importância analisar o MK-Ultra detalhada e criticamente, examinando as suas motivações, a conexão direta com o contexto político e os detalhes acerca da sua realização, para contribuir com os debates que tangem o período da Guerra Fria e disseminar, em pequena escala e em âmbito acadêmico, o conhecimento acerca do programa.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Carvalho de Oliveira, pela compreensão, disposição e amizade.

Aos meus pais, Luiz Roberto e Carmen Lucia, que exerceram incansável apoio e suporte durante todo o processo.

REFERÊNCIAS

BARBROOK, Richard. Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global. São Paulo: Editora Peirópolis, 2007.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMERON, Donald Ewen; The Depatterning Treatment of Schizophrenia; Comprehensive Psychiatry, Official Journal of the American Psychopathological Association; Vol.3 N.2; 1962.

MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: história e historiografia. Curitiba: Appris Editora, 2020.